

## TESTEMUNHO BIOGRÁFICO DE FRIDA KAHLO

Maris Aparecida Viana  
UFSC

Através das cartas de Frida Kahlo, pode-se desvendar não só a biografia da artista plástica mexicana, mas os conflitos vividos por uma geração de artistas e filósofos que conviveram no período entre guerras no Ocidente. Escrever cartas foi um dos hábitos cultivado por Kahlo, desde a infância até a fase adulta. Em suas missivas, Frida misturava a língua espanhola com o inglês. Por meio das cartas, ela se expressava com os amigos e familiares sem reservas, revelando-se uma pessoa sincera e sensível, envolvida com os conflitos socioculturais de sua época. Sua vida foi marcada pelo sofrimento físico, provocado pela poliomielite na infância, que a deixou com seqüelas.

Frida Kahlo nasceu em Coyacán, uma cidade do México em 1907 e morre em 1954, aos 47 anos de idade. Quando Kahlo estava com três anos de idade, os exércitos camponeses de Pancho Villa e Emiliano Zapata, enfrentaram a ditadura de Porfírio Diaz, cruzando o México em todas as direções, rompendo o isolamento interno do país, imposto por trinta anos de Ordem e Progresso, auto-proclamado pelo governo do então general, que terminou em 1910. Pode-se dizer que Kahlo foi filha da revolução, tornando-se, quando estudante na Escola Preparatória Nacional, uma das *Las Cachuchas*, organização de mulheres que lutavam pela revolução mexicana. Nessa época, o México estava livrando-se intelectualmente da forte influência da filosofia Positivista Científica (Auguste Comte) e abrindo-se a novas tendências, como a de Henri Bergson e sua filosofia do *élan* vital, da intuição e da evolução espiritual. Muitos estudiosos e artistas mexicanos desenvolveram seus trabalhos impulsionados pela visão de Bergson. A saber: o filósofo Antonio Caso, o romancista Martí Luis Guzmán que andou com Pancho Villa e fez a

crônica do líder guerrilheiro, o educador José Vasconcelos que escreveu sua autobiografia, na qual exibiu sua nudez sexual e emocional e muitos outros artistas.

A estética da revolução se aproximava do espírito de transgressão, com o qual Kahlo se identificava. Tal postura estética vincula-se à libertação das restrições acadêmicas cuja influência era francesa, no que tange à temática e estratégias, aproximando-se mais do contexto artístico mexicano. Segundo Carlos Fuentes, todos os escritores e artistas do século XX, viveram o conflito entre as duas revoluções: a interna e a externa. *O surrealismo dividiu com o marxismo o sonho de uma humanidade liberta da alienação e devolvida a sua origem primitiva, à idade de ouro, quando todas as coisas pertenciam a todos.*<sup>1</sup> Os surrealistas foram os últimos herdeiros do Romantismo (movimento cultural europeu), que também pregava um retorno à totalidade do homem, a unidade de origem. Mas Stalin acaba com essa ilusão. Na década de 1920, Trotski, exilado, trazia para o México a esperança de que a perversão stalinista ainda podia ser corrigida e que o proletário ainda conquistaria o seu lugar na sociedade. Kahlo viveu no período político do México, governado pelo Partido Nacional Revolucionário, que conseguiu promover a reforma agrária, a educação pública, um sistema nacional de saúde e de comunicação. Essa postura revolucionária no México atraiu muitos estrangeiros politicamente atuantes, como Julio Antonio Mella, o fundador do Partido Comunista de Cuba e outros, dos quais na sua maioria Kahlo manteve amizade.

A arte de Kahlo é influenciada pelos carnavais populares de Bruegel, repletos de monstros inocentes, glutões perversos e obscuras fantasias. André Breton, líder do movimento surrealista em Paris também na década de 1920, define a arte de Kahlo como *uma fita enlaçando uma*

---

<sup>1</sup> **KAHLO**, Frida. *O diário de Frida Kahlo: um autorretrato íntimo*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1995.

*bomba*<sup>2</sup>, uma arte explosiva, uma beleza convulsiva. Segundo Fuentes, para os surrealistas a revolução interna, onírica, psíquica, deveria ser inseparável da revolução externa, política e material. O movimento era marcado pela nostalgia da unidade recuperada. Diego Rivera que representou em seus murais, histórias das lutas nacionais do povo mexicano pela emancipação do imperialismo, escreve sobre a arte de Kahlo: *persistência de verdade, realidade, crueldade e sofrimento. Mulher nenhuma jamais havia passado para a tela essa poesia agônica...*<sup>3</sup>.

Em 1939, Kahlo vai a Paris participar de uma exposição na Galeria Pierre Colle, a convite de Breton. De lá, ela escreve uma carta, datada de 17 de março, para Ella e Bertram Wolfe, seus amigos íntimos e de Diego, com quem Kahlo viveu como esposa, durante muitos anos. Bertram foi o autor da biografia de Rivera, *Diego Rivera: his life and time*, publicada em 1939. Nessa carta, Kahlo relata o que viveu enquanto estava em Paris. Marcada pelo aspecto subjetivo e íntimo, Kahlo deixa evidente a consciência que possui de representar no primeiro mundo, uma artista plástica mulher e de pertencer a cultura de um país periférico:

*Primeiro, desde que voltei, as coisas não têm corrido bem para mim. Minha exposição não estava pronta -meus quadros esperavam calmamente por mim no escritório da alfândega, porque Breton nem sequer fora buscá-los. Vocês não fazem a menor idéia do tipo de figurinha irritante que é Breton, junto com quase todos do grupo dos surrealistas.*<sup>4</sup>

O despojamento de Kahlo para falar dos colegas pode sugerir que sua arte não estava

---

<sup>2</sup> KAHLO, Frida, op. cit. , p. 16.

<sup>3</sup> Ibidem, pp. 13.

<sup>4</sup> KAHLO, Frida. *Cartas apaixonadas de Frida Kahlo*. Rio de Janeiro: Olímpio, 1997. p. 97.

necessariamente submetida aos princípios do movimento surrealista, ou a um determinado modelo de arte pré estabelecido. Mas sem dúvida, a sua forma de se expressar na carta, demonstra espontaneidade e franqueza para reclamar da forma como foi tratada por Breton, ou seja, com descaso. Com isso, ela não deixa de criticar a maneira dos surrealistas se comportarem.

Em seguida, ela fala de Duchamp:

*Finalmente, Marcel Duchamp (o único entre os pintores e artistas daqui que tem os pés no chão e o cérebro no lugar) conseguiu fazer os acertos para a exposição com Breton.... Dizem que havia um grande número de compatriotas no dia da “opening”. [Houve] uma porção de cumprimentos a Chicua, entre eles um grande abraço de **Joan Miró** e grandes elogios de **Kandinsky** a minha pintura; parabéns de **Picasso**, **Tanguy**, **Paalen** e outros **figurões** do surrealismo. De modo geral, diria que foi um sucesso e, considerando a qualidade do material (quer dizer, do bando de congratuladores), acho que a coisa toda correu muito bem.*<sup>5</sup>

O contexto sócio cultural vivido por Kahlo, fica muito evidente nesse trecho da carta. Os *figurões* aos quais ela se refere, foram sem dúvida, artistas que ficaram como referência na história da arte no século XX. A sua arte é marcada pelas características do Surrealismo: uma fusão do mito e fato, sonho e vigília, razão e fantasia.

Segundo Fuentes, Kahlo introduziu em suas fotos pessoais um tempo interior, uma experiência subjetiva. Não era uma pintora de sonhos, mas de sua própria existência. Kahlo declara sobre sua própria arte: *pinto a mim mesma porque sou sozinha. Sou o assunto que conheço melhor*<sup>6</sup>. Ela se autobiografava através dos seus auto-retratos, como Rembrandt e como Van Gogh. Sua face era a sua realidade marcada pela aura da estranheza, do deslocamento de objetos e a desarticulação dos cenários. Para Jean Franco, no ensaio *Manhattan sera mas exótica este otoño: la iconizacion de Frida Kalho*<sup>7</sup>, a pintura de Kahlo, mostra a construção social do

<sup>5</sup> KAHLO, Frida, op. cit. p. 97.

<sup>6</sup> KAHLO, Frida, op. cit. p. 14.

<sup>7</sup> FRANCO, Jean. *Manhattan sera mas exotica este otoño: la iconizacion de Frida Kalho. Ensayos*, Editorial Cuarto Propio. p. 39.

corpo e da natureza não como primordial, mas como representação. Sua obra, *Autorretrato con monos*, não representa um olhar inocente da natureza, mas uma história da evolução ao revés. Ela mostra o sofrimento do ser humano, vivendo entreguerras. Suas pinturas falam dos problemas das metrópoles e de seu desenvolvimento, do sujeito privado e atormentado, vivendo numa sociedade narcisista. Além de participar ativamente do processo de transformação cultural do México, Kahlo produziu uma arte transnacional, que ultrapassou os limites da cultura mexicana, como também de sua época. Sua arte foi aceita nos principais centros culturais do ocidente, evidenciando o que a mitologia nacionalista e esquerdista, não mostraram. Seu relato na carta, demonstra que sua postura é de uma artista independente e que possui convicções próprias e pensamento crítico sobre o contexto social da época. Em nenhum momento, ela se manifesta com a intenção de se auto-afirmar em relação aos elogios que recebeu sobre a sua arte. Parece ter consciência, que esses referenciais (alta cultura) não vão interferir no seu processo de criação. Em outro trecho da carta, Kahlo se refere à cidade de Paris, da seguinte forma:

*Segundo, destes dois meses em que tenho estado em Paris, passei um e meio de cama, (Dez dias num hospital e o resto na casa da mulher de Duchamp). Um dia, acordei com a barriga parecendo um tambor e não conseguia arrotar, fazer xixi, nada. Era como se ela estivesse cheia de anarquistas, cada um plantando uma bomba num canto de meu pobre intestino... Entre a dor e a tristeza de estar sozinha na **pinchísimo** [miserável] Paris, que para mim é como um chute na barriga, juro-lhe que preferia ter batido as botas.<sup>8</sup>*

Como artista do terceiro mundo, Kahlo não se deslumbra com Paris. Sua visão representa a do povo mexicano, que sofreu as conseqüências deixadas pela ditadura militar e pelo Imperialismo Europeu, contudo ela se sente uma estrangeira, estranha a essa cidade. Kahlo representou a mulher e a artista em trânsito, que circulou por muitos lugares do mundo mostrando a sua arte, marcada pela subjetividade e sua forma muito íntima de se expressar. Essas

---

<sup>8</sup> Frida Kahlo, op. cit. , p. 98.

características também presentes nas cartas é que traz a oralidade de sua escrita, marcada por uma forma singular de ser, sensível a todos os eventos que vivenciou. Ela continua a carta revelando as preocupações com seus camaradas:

*Já mandei um telegrama a Diego a respeito do assunto dos camaradas do Poum. Acho que isso será resolvido no México. Estou esperando notícias definitivas de Diego, para providenciar de uma vez por todas a partida dessas 400 pessoas. Se vocês soubessem em que condições está essa pobre gente - os que conseguiram escapar dos campos de concentração - seu coração se partiria.<sup>9</sup>*

O espírito de solidariedade de Kahlo, demonstra o seu verdadeiro compromisso com as causas sociais, que parecem se colocar como algo mais importante, que sua própria arte. Como se olhar para o outro, fosse uma forma imprescindível de viver. Ela termina a carta, como nas demais, declarando a saudade que sente e a necessidade de estar sempre em contato com os amigos, e que ama Diego mais do que sua própria vida. Após se despedir dos amigos, ela escreve o seguinte recado:

*Boitito, como está indo o livro, meu amigo? Você está trabalhando muito? Mais uma fofoca: Diego teve problemas com a IV [Internacional] e chutou para valer o “piochitas” Trotsky de sua vida. Depois falarei desse problema. Diego está absolutamente certo.<sup>10</sup>*

Ler as cartas de Kahlo é como estar invadindo a privacidade alheia, por sua escrita remeter a um universo tão íntimo, marcado pela subjetividade de uma linguagem despojada, onde o que prevalece é o envolvimento emocional com que relata os episódios. Ler as cartas de Kahlo é quase como vivenciar as mesmas inquietações vividas por ela, como se sua escrita deixasse vazar o que se passa em seu interior. Envolver-se com seus relatos, significa conhecer mais dessa mulher, cuja arte se destaca entre as mais expressivas na contemporaneidade. Uma artista que se

---

<sup>9</sup> Ibidem, pp. 99.

<sup>10</sup> Frida Kahlo, op. cit. 100.

destacou pela sua maneira singular de ser e de representar a realidade, transcendendo os valores que envolveram o contexto sociocultural de sua época.

## **BIBLIOGRAFIA**

**CHARTIER**, Roger. *La correspondance*. Fayard: Ed. Librarie Arthème, 1991.

**DINIZ**, Alai G. *Mba'é rendyneñee: entre a transculturação e a oralidade*. Travessia, revista de literatura n.º 38, jan/jun de 1999.

**FRANCO**, Jean. *Manhattan sera mas exotica este año: la iconizacion de Frida Kahlo*. Ensayos, Editorial Cuarto Propio.

**KAHLO**, Frida. *O diário de Frida kahlo: um autorretrato íntimo*. RJ: José Olímpio, 1995.

\_\_\_\_\_. *Cartas apaixonadas de Frida Kahlo*. Compilação Martha Zamora; tradução Vera Ribeiro. RJ: José Olímpio, 1997.

**RAMA**, Angel. *Transculturación Narrativa*. Montevideo: Fundación AR, 1985.

\_\_\_\_\_. *La ciudad letrada*. Montevideo, FAR, 1982.